

O Estudo Saussuriano sobre as Lendas Germânicas

The Saussurean study on Germanic legends

Stefania Montes Henriques¹

(Universidade Estadual de Campinas - Instituto de Estudos da Linguagem -
Campinas - São Paulo - Brasil)

RESUMO

Neste artigo, pretendeu-se explicitar o estudo realizado por Ferdinand de Saussure sobre as lendas germânicas. Esse estudo, que compreende 18 cadernos e várias folhas avulsas, foi desenvolvido entre 1903 e 1910 e, dessa forma, é em parte concomitante com os cursos de linguística geral ministrados por Saussure entre 1907 e 1910. Assim, investigamos em quais aspectos os estudos mitográficos de Saussure se relacionam com sua teorização sobre linguística geral, considerando especificamente a categoria linguística do nome próprio e as noções de arbitrariedade, mutabilidade e imutabilidade do signo e valor linguístico.

Palavras-chave: *Saussure; lendas germânicas; curso de linguística geral; nome próprio.*

1. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual de Campinas. Desenvolve a pesquisa “Relações entre a pesquisa saussuriana das lendas germânicas e o Curso de Linguística Geral”, sob a orientação da Prof^a Dr^a Maria Fausta Pereira de Castro. Atualmente, é Professora Substituta de Linguística na Universidade Federal de Uberlândia.



This content is licensed under a Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use and distribution, provided the original author and source are credited.

ABSTRACT

In this work, we aimed to expose the study carried out by Ferdinand de Saussure about the Germanic legends. The study, which comprehends 18 notebook and various separate sheets, was developed between 1903 and 1910. Therefore, it is, to some extent, concomitant to the courses in General Linguistics taught by Saussure from 1907 to 1910. This way, we investigated in which aspects Saussure's mythographic studies are related to his theorization on General Linguistics, considering specifically the linguistic category of the proper name and the notions of arbitrariness, mutability and immutability of the sign as well as the concept of linguistic value.

Key-words: *Saussure; germanic legends; cours in general linguistics; proper name.*

Introdução

Os manuscritos sobre as lendas germânicas estão compreendidos em 18 cadernos e várias folhas avulsas, catalogados sob os números Ms. Fr. 3958 e Ms. Fr. 3959 (cf. STAROBINSKI, 1974: 9). Esses manuscritos foram doados à Universidade de Genebra em janeiro de 1955 pela família de Ferdinand de Saussure² e catalogados em 1957 por Robert Godel. Segundo Starobinski (1974), considerando as poucas datações dos cadernos de Saussure, é possível afirmar que ele se deteve nessa pesquisa de 1903 a 1910, ou seja, concomitantemente aos cursos de linguística geral ministrados na Universidade De Genebra.

Sabe-se, por exemplo, que em 1904, Saussure ministrou um curso sobre os Niebelungen na Universidade de Genebra, substituindo o germanista E. Redard. Nesse mesmo ano, em uma comunicação intitulada “Les Burgondes et la langue burgonde en pays romaine”, proferida à

2. Os manuscritos saussurianos surgiram em quatro momentos e tiveram fontes diversas: janeiro de 1955, a família de Saussure doa uma quantidade considerável de manuscritos para a Biblioteca de Genebra; em novembro do mesmo ano, Mme. Bally doa os manuscritos que estavam em posse de Charles Bally; em 1968, os filhos de Ferdinand de Saussure vendem alguns manuscritos, por intermédio de R. Jakobson, para Harvard; e, por fim, em 1996 foram encontrados novos manuscritos na casa de campo de Saussure. (cf. MARCHESE, 2003 : 338).

Société d’Histoire et Archéologie de Genève, Saussure cita os Nibelungen como uma das possibilidades de se apreender a história do povo burgúndio. Entretanto, é possível afirmar que antes mesmo de 1903, Saussure já se interessava pelas lendas. No “Notas para um artigo sobre Whitney” (1894), por exemplo, o linguista faz algumas considerações sobre nomes de deuses na mitologia. (cf. ARRIVÉ, 2010: 99).

É interessante retomarmos que, após a existência desses manuscritos vir à tona, houve um debate sobre a natureza da pesquisa sobre as lendas. Seria ela um devaneio ou bizarrice de Saussure, como também foi considerado o estudo sobre os anagramas?³ A existência dessa pesquisa corroboraria a cisão entre Saussure noturno e diurno? Ou é possível pensar que a mitografia saussuriana contribuiu para a consolidação da Semiologia enquanto ciência geral dos signos? Essas questões foram respondidas de maneiras diferentes por vários estudiosos, dentre eles D’Arco Silva Avalor (1973), Rudolf Engler (1975), Aldo Prodocimi (1983), Sungdo Kim (1993), Béatrice Turpin (2003) e M. Arrivé (2010).

Partimos do ponto de vista de que o estudo sobre as lendas germânicas não pode ser considerado uma bizarrice e nem um devaneio. Pelo contrário, era prática comum dos contemporâneos de Saussure, especialmente os indo-europeístas, a realização de estudos mitográficos. Além disso, a recorrência das considerações de Saussure sobre a Semiologia é muito maior nos manuscritos sobre as lendas do que nos cursos de linguística geral, os quais originaram o CLG.

Assim, defendemos, neste artigo, que a pesquisa saussuriana sobre as lendas germânicas não somente faz parte do projeto semiológico de Ferdinand de Saussure, como também contribuiu para que esse projeto fique mais evidente e para que questões não desenvolvidas pela linguística saussuriana sejam clarificadas. Nesse sentido, a distinção entre Saussure diurno/noturno não pode ser sustentada. Para corroborar nossa perspectiva, analisaremos trechos do manuscrito Ms. Fr. 3958-4⁴, referente ao caderno quatro e intitulado Nibelungen, ressaltando

3. Zilberg (1997) afirma que Saussure seria “l’auteur de recherches bizarres portant ici sur les “anagrammes” dans certaines poésies latines, là sur les Niebelungen”. (ZILBERGUE, 1997: 1).

4. Manuscrito adquirido pela autora na Bibliothèque de Genève, em outubro de 2012, pertencente ao arquivo Ms. Fr. 3958/4, com 240 páginas.

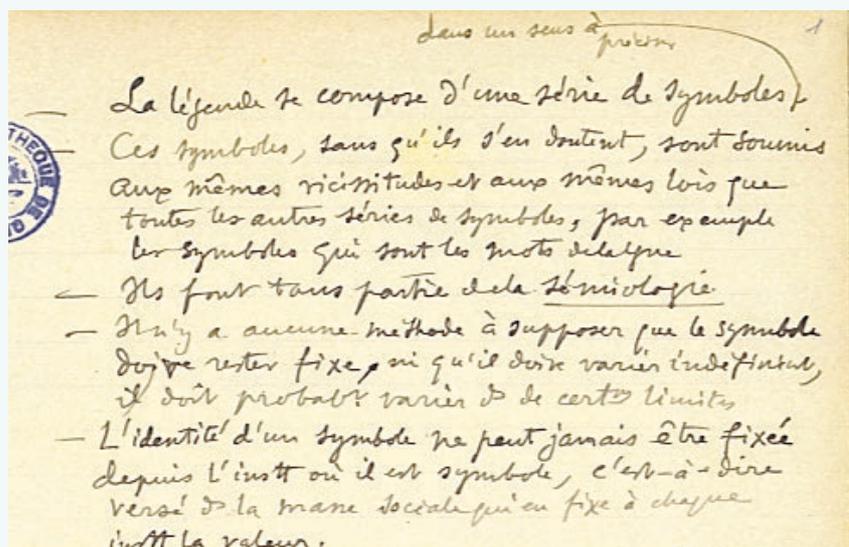
alguns pontos de encontro e desencontro entre os sistemas linguístico e lendário.

A natureza do símbolo lendário

Neste tópico, propomo-nos a explicitar alguns aspectos da natureza do símbolo lendário. Como veremos, é com base nesses aspectos que nos será possível pensar a questão da identidade e da sincronia e diacronia na lenda, além de eles serem fundamentais para o nosso objetivo geral que é demonstrar a participação do estudo sobre as lendas germânicas no projeto semiológico de Saussure.

O primeiro trecho que trazemos para essa discussão é o seguinte:

Figura 1 – Ms. fr. 3958/4, f. 1.



Fonte: Bibliothèque de Genève.

- A lenda se compõe de uma série de símbolos <em um sentido a definir>
- Esses símbolos, sem que se duvide, estão submetidos às mesmas vicissitudes e às mesmas leis que toda as outras séries de símbolos, por exemplo, os símbolos que são as palavras da língua

– Todos fazem parte da Semiologia.

Não há nenhum método para supor que o símbolo deve permanecer fixo, nem que ele deve variar indefinidamente, ele deve, provavelmente, variar em certos limites.

A identidade de um símbolo não pode jamais ser fixada depois do instante que se torna símbolo, ou seja, inserido na massa social que lhe fixa a cada instante o valor. (tradução nossa).⁵

Esse trecho evidencia as características semiológicas que cerceiam a análise saussuriana sobre as lendas germânicas. Na primeira frase, Saussure explicita quais elementos compõem a lenda e a necessidade de precisá-los, ou seja, de conceituá-los. Essa conceituação já é iniciada na frase subsequente, quando há uma comparação explícita entre os símbolos da lenda e os símbolos que são as palavras da língua, tendo em vista que ambos estão submetidos às mesmas leis e vicissitudes.

O segundo item requer uma atenção especial à terminologia utilizada. Se retomarmos o CLG, veremos que Saussure conceitua o símbolo como distinto do signo linguístico, na medida em que o primeiro possui certa motivação, enquanto o segundo é arbitrário:

Utilizou-se a palavra símbolo para designar o signo linguístico ou, mais exatamente, o que chamamos de significante. Há inconvenientes em admiti-lo, justamente por causa do nosso primeiro princípio. O símbolo tem como característica não ser jamais completamente arbitrário; ele não está vazio, existe um rudimento de vínculo natural entre o significante e o significado. O símbolo da justiça, a balança, não poderia ser substituído por um objeto qualquer, um carro, por exemplo. (SAUSSURE, 2012 [1916]: 109).

Há, dessa forma, uma oscilação terminológica no que diz respeito à utilização da designação de símbolo / signo para os elementos que compõem um sistema semiológico. Sabe-se que a busca de Saussure

5. - La légende se compose d'une série de symboles < dans un sens à préciser > - Ces symboles, sans qu'ils s'en doutent, sont soumis aux mêmes vicissitudes et aux mêmes lois que toutes les autres séries de symboles, par exemple les symboles qui sont les mots de la langue - Ils font tous partie de la sémiologie. Il n'y a aucune méthode à supposer que le symbole doive rester fixe, ni qu'il doive varier indéfiniment, il doit probablement varier dans certaines limites. L'identité d'un symbole ne peut jamais être fixée depuis l'instant où il est symbole, c'est-à-dire versé dans la masse sociale qui en fixe à chaque instant la valeur.

por uma palavra que traduzisse a relação arbitrária entre as duas faces do signo não é exclusiva do CLG ou dos manuscritos sobre as lendas. No já citado “Notas para um artigo sobre Whitney” (1894), o linguista utiliza a palavra símbolo para designar o signo linguístico. Em contrapartida, no manuscrito “Notes Item. Sôme et sème”, o qual não possui uma data definida, ele opta pelo termo “sôma” em detrimento dos dois termos anteriores.

Outro aspecto importante e que deve ser ressaltado é a afirmação de que esses dois tipos de “símbolos” estão submetidos às mesmas leis e vicissitudes. Isso nos leva a uma questão primordial: quais são as leis que regem um sistema semiológico? Ao que nos parece, Saussure responde essa questão nas duas frases subsequentes, ao afirmar que “o signo deve variar em certos limites” e que “a identidade do símbolo não pode ser fixada”, a partir do momento em que ele está inserido na massa social “que lhe fixa a cada instante o valor” (cf. *supra*). Sungdo Kim (1995) formula essas duas leis da seguinte maneira:

1) A variação moderada e limitada do símbolo, ou seja, que ele não deve nem permanecer fixo, nem variar indefinidamente. 2) essa alterabilidade permanente do símbolo se explica pela circulação social que lhe modifica a cada instante o valor. (SUNGDO KIM, 1995: 298, tradução nossa).⁶

A questão da variação moderada e limitada do símbolo lendário retoma, a nosso ver, a questão da mutabilidade/imutabilidade do signo linguístico e, conseqüentemente, o modo de transmissão das instituições. Para Turpin (1995), Saussure perceberá que uma das características fundamentais da lenda é a sua possibilidade de transformação. (cf. TURPIN, 1995: 309). Não obstante, essa questão possui estreita relação com o princípio da arbitrariedade, já que Saussure afirma que o caráter arbitrário do signo nos faz admitir a possibilidade de mudança, mas também “põe a língua ao abrigo de toda tentativa que vise modificá-la”. (SAUSSURE, [1916] 2012: 113). A arbitrariedade é, então, uma das características de um sistema semiológico: “Pode-se, pois, dizer que os signos inteiramente arbitrários realizam melhor que os outros o

6. 1) La variation modérée et limitée du symbole, c'est-à-dire qu'il ne doit ni rester fixe, ni varier indéfiniment. 2) cette altérabilité permanente du symbole s'explique par sa circulation sociale qui en modifie à chaque instant la valeur.

ideal do procedimento semiológico [...]” (SAUSSURE, [1916] 2012: 108). Sobre a relação entre arbitrariedade e mudança, Pereira de Castro (2013) afirma que

para falar de continuidade e mudança, Saussure associa ao princípio da arbitrariedade do signo a questão do tempo; só assim lhe é possível tratar as forças antagônicas em funcionamento na língua. A imutabilidade e mutabilidade se explicam na sucessão temporal. (PEREIRA DE CASTRO, 2013: 91).

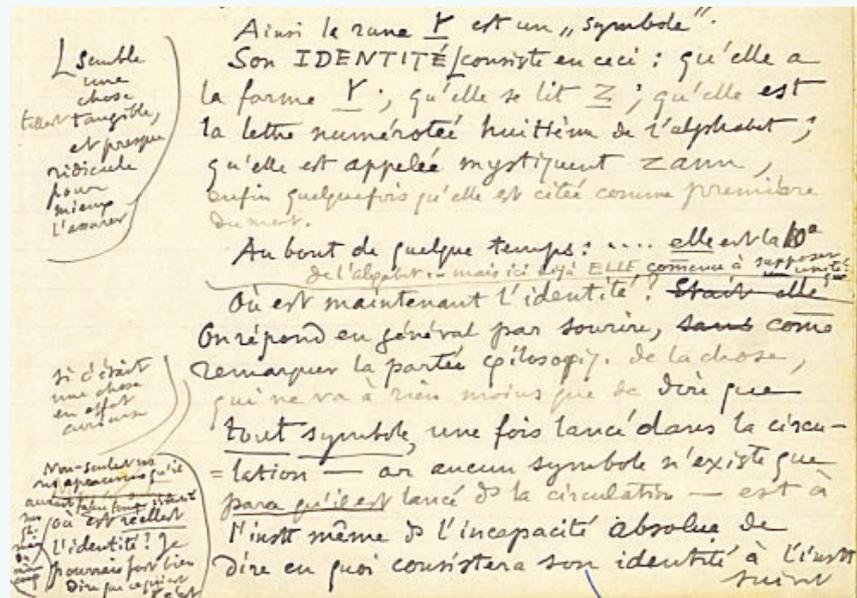
A relação da arbitrariedade com o tempo pode ser percebida nas lendas germânicas com a quantidade de análises diacrônicas realizadas por Saussure em versões diferentes de lendas de épocas também diferentes. Como se pode perceber, as considerações de Saussure sobre as lendas germânicas são tão densas que com uma citação desse material, até agora, retomamos vários aspectos capitais na teoria saussuriana sobre a língua. Não obstante, ainda há dois aspectos que devem ser ressaltados na Figura 1: a questão da transmissão e a identidade do símbolo. A transmissão dos símbolos/signos através do tempo já teve a sua importância ressaltada por Saussure no manuscrito *Essence double du Langage* de 1891⁷,

Por vida da linguagem pode-se entender, primeiramente, o fato de que a linguagem vive através do tempo, ou seja, é suscetível de se transmitir. Esse fato é, se assim se preferir, um elemento vital da linguagem, porque nada há na linguagem que não seja transmitido; mas ele é, sobretudo, absolutamente estranho à linguagem. (SAUSSURE, 2004: 51).

Considerando, então, que a língua é o sistema mais característico da Semiologia (cf. SAUSSURE, [1916] 2012: 108), e que ser transmissível é “um elemento vital da linguagem”, pode-se afirmar que a transmissão é, também, uma das características dos sistemas semiológicos. Ademais, a transmissão, o arbitrário e a circulação na massa social fazem erigir o problema da identidade, o qual tem seu início na Figura 1, mas é mais desenvolvido na Figura 2 que se segue:

7. De acordo com Silveira (2014), Saussure iniciou a escrita do *Essence double* provavelmente em dezembro de 1891, mas continuou trabalhando nele pelos anos subsequentes. (cf. SILVEIRA, 2014 : 28).

Figura 2 – Ms. fr. 3958/4, f.1 (2ª parte)



Fonte: Bibliothèque de Genève.

Assim, a runa Y é um “símbolo”.

Sua IDENTIDADE <parece algo tangível, e quase ridículo para melhor afirmar> consiste nisso: que ela tem a forma Y, que ela se lê Z, que ela é a oitava letra do alfabeto, que ela é chamada misticamente de Zann, enfim, que algumas vezes é citada como a primeira da palavra. Depois de algum tempo: ... ela é 10ª do alfabeto ... mas aqui ela já começa a supor uma unidade que [

Onde está agora a identidade? Respondemos, em geral, com um sorriso, como <se isso fosse uma coisa de fato curiosa> ressaltar o lado filosófico da coisa, que não diz nada menos que todo símbolo, uma vez lançado em circulação – ora, qualquer símbolo só existe porque é lançado em circulação – está no mesmo instante na incapacidade absoluta de dizer em que consistirá sua identidade no instante seguinte.

<Não apenas nós percebemos que seria necessário achar a identidade. Onde está realmente a identidade? Eu poderia muito bem dizer que isso é uma coisa incalculável, que seria em vão se nós tentássemos querer fundá-la em *qualquer coisa*> mesmo que seja em uma combinação de caracteres. (tradução nossa).⁸

8. Ainsi la une Y est un « symbole ».

Como dissemos, a Figura 2 demonstra um maior desenvolvimento da noção de identidade. Nele, Saussure utiliza como exemplo a runa Y, elencando algumas de suas características, como a posição que ocupa no sistema alfabético. Aqui, cabe lembrar a famosa comparação de Saussure da língua com o jogo de xadrez: “O valor respectivo das peças depende de sua posição no tabuleiro, do mesmo modo que na língua cada termo tem seu valor pela oposição de seus termos”. (SAUSSURE, [1916] 2012: 130). Entretanto, após algum tempo a sua posição muda e, somos levados a crer que as outras características também sofrem modificações. Como, então, afirmar a existência da identidade de algo que, apesar de ser transmitido, pode ser modificado? A resposta de Saussure parece irônica, já que ele responde com “um sorriso, como se fosse, de fato, algo curioso”. E isso porque, apesar do seu estatuto filosófico e lógico, a identidade não pode ser concebida simplesmente como $a=b$, quando nos deparamos com um símbolo ou um signo, já que esses elementos estão submetidos à circulação social que lhes fixa a cada instante o valor.

Quanto à questão da unidade, temos que Saussure não termina a sua afirmação “mas aqui começamos a supor uma unidade [”]. Considerando que, até o momento, encontramos várias semelhanças entre o sistema linguístico e o lendário, e que ambos estão submetidos às mesmas leis e vicissitudes, parece-nos plausível pensar que a unidade na lenda é concebida da mesma maneira que na língua:

Son IDENTITÉ <semble une chose tellement tangible, et presque ridicule pour mieux l'assurer> consiste en ceci : qu'elle a la forme Y ; qu'elle se lit Z ; qu'elle est la lettre numérotée huitième de l'alphabet ; qu'elle est appelée mystiquement Zann, enfin quelquefois qu'elle est citée comme première du mot. Au bout de quelque temps : ... elle est la 10e de l'alphabet ... mais ici déjà ELLE commence à supposer une unité que [

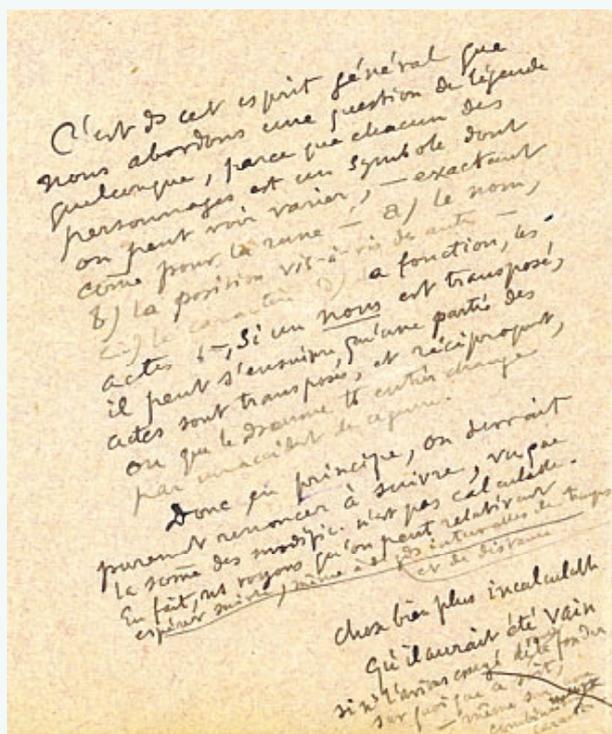
Où est maintenant l'identité ? On répond en général par sourire, comme <si c'était une chose en effet curieuse> remarquer la portée philosophique de la chose, qui ne va à rien moins que dire que tout symbole, une fois lancé dans la circulation – or aucun symbole n'existe que parce qu'il est lancé en circulation - est à l'instant même dans l'incapacité absolue de dire en quoi consistera son identité à l'instant suivant [

<Non-seulement nous apercevons qu'il aurait fallu trouver l'identité. Où est réellement l'identité ? Je pourrais fort bien dire que ce qui est c'est chose bien plus incalculable, qu'il aurait été vain si nous l'avions essayé de vouloir la fonder sur quelque chose mais du même coup sur quoi que ce soit – même sur une combinaison de caractères >

Aplicado à unidade, o princípio da diferenciação pode ser assim formulado: *os caracteres da unidade se confundem com a própria unidade*. Na língua, como em todo sistema semiológico, o que distingue um signo é tudo o que o constitui. A diferença é o que faz a característica, como faz o valor e a unidade. (SAUSSURE, [1916] 2012: 169).

Temos, então, que a circulação social é, ao mesmo tempo, o que faz de algo um símbolo e, também, o que nos impede de fixar-lhe um valor a partir do momento em que ele está inserido na massa social. Como prever as modificações de algo que está submetido ao uso da massa social e inserido no tempo? E de que maneira estabelecer a identidade? Essas parecem ser as questões que norteiam as considerações de Saussure sobre o funcionamento das lendas e que nos fazem ir para a Figura 3, que é um inciso localizado na contracapa do caderno⁹:

Figura 3 – Ms. fr. 3958/4, f.0



Fonte: Bibliothèque de Genève.

9. Na parte inferior, é possível ler a última parte da Figura 2, que já foi transcrita anteriormente.

É nesse espírito geral que nós abordamos uma questão de lenda qualquer, porque cada um dos personagens é um símbolo, do qual pode variar, - exatamente como para a runa – a) o nome, b) a posição em relação aos outros – c) o caractere, d) a função, os atos. Se um nome é transposto, pode ocorrer que uma parte dos atos é transposta e, reciprocamente, ou que o drama inteiro mude por um acidente desse tipo. (tradução nossa).¹⁰

Nesse trecho, parece haver uma tentativa de generalização das considerações que foram feitas anteriormente, além de haver a definição do que seria um personagem da lenda: ele é um símbolo. É justamente por ser símbolo – e, em consequência, estar na circulação social – que o personagem não possui uma fixidez em suas características: seu nome, caracteres, funções e posição na narrativa são passíveis de transformações. Aqui, fica evidente que os símbolos da lenda são determinados por meio de suas relações no sistema, já que se os atos do personagem mudam, todo o drama muda. Aqui, é perceptível a semelhança com a teoria do valor: “o valor de um termo pode modificar-se sem que se lhe toque quer no sentido quer nos sons, unicamente pelo fato de um termo vizinho ter sofrido uma modificação.” (SAUSSURE, [1916] 2012: 168).

Ademais, na Figura 3 há a menção ao “nome” do personagem. De acordo com Turpin (2003), o objetivo inicial de Saussure, ao investigar as lendas germânicas, era procurar a relação existente entre os personagens lendários e os personagens históricos¹¹. Entretanto, se o nome do personagem está no mesmo patamar que seus outros elementos constituintes (ações, características, posição, etc.), logo não parece

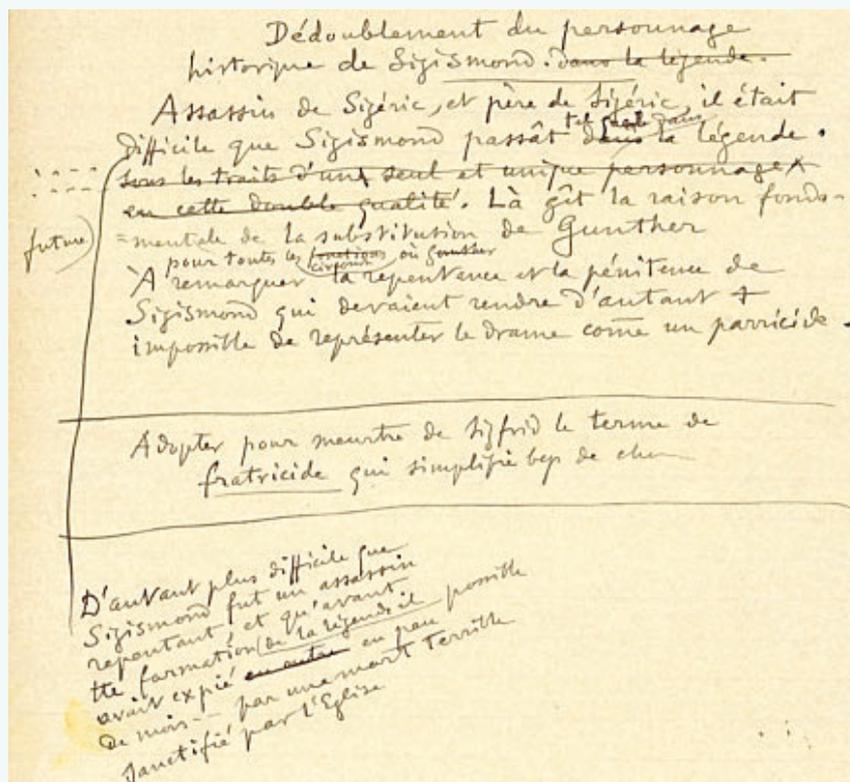
10. C'est dans cet esprit général que nous abordons une question de légende quelconque, parce que chacun des personnages est un symbole dont on peut voir varier, - exactement comme pour la rune – a) le nom, b) la position vis-à-vis des autres – c) le caractère, d) la fonction, les actes. Si un nom est transposé, il peut s'ensuivre qu'une partie des actes sont transposés, et réciproquement, ou que le drame tout entier change par un accident de ce genre. Donc en principe, on devrait purement renoncer à suivre, vu que la somme des modifications n'est pas calculable. En fait, nous voyons qu'on peut relativement espérer suivre, même à de grands intervalles de temps <et distance.>

11. “En même temps que ses études sur les dialectes, Saussure mène une réflexion sur le rapport entre nomination et histoire événementielle, entre histoire des mots et histoire des hommes, montrant que l'étude des noms de lieux de la Suisse romande, de leurs règles de transformations, peut permettre de reconstituer l'histoire de ces lieux et des étapes de l'implantation burgonde.” (TURPIN, 2003 : 308).

ser simples a empreitada de demonstrar essa relação. E isso porque, se o nome de um personagem não possui positividade – ou seja, já não carrega em si uma ideia preestabelecida – seu valor advém das relações estabelecidas no sistema. Entretanto, em que sentido a história e o fato de um nome ter se referido a alguém em uma determinada época influencia no funcionamento das lendas?

Nas nove páginas seguintes do manuscrito, Saussure faz alguns apontamentos de leituras sobre as lendas germânicas, comparação dos nomes dos personagens em diferentes sagas e versões dos Nibelungen, além da citação de notas e páginas de obras sobre o assunto. Após essas considerações, podemos entrever um pouco a maneira com que Saussure investiga os símbolos das lendas:

Figura 4 – Ms. fr. 3958/4, f.5 v.



Desdobramento do personagem histórico de Sigismond ~~na lenda~~. Assassino de Sigéric, e pai de Sigéric, era difícil que Sigismond [...] tal qual na lenda ~~sob as características de somente um personagem com essa dupla qualidade~~. <Sobretudo muito difícil que Sigismond fosse um assassino arrependido e que antes de toda formação <possível> da lenda ele tenha terminado ~~em outra~~ em poucos meses... com uma morte terrível santificado pela Igreja.>[Nisso reside a razão fundamental da <futura> substituição de Gunther por todas as ~~funções~~ circunstâncias onde ~~Gunther~~.] Ressaltar o arrependimento e a penitência de Sigismond que tornaria, sobretudo, impossível representar o drama como um parricídio. Adotar para a morte de Sigfried o termo fratricídio que simplifica muitas coisas [. (tradução nossa).¹²

O trecho acima é ilustrativo do tipo de análise efetuada por Saussure em seus manuscritos sobre as lendas germânicas. Após a comparação de vários dados recolhidos de versões diferentes dos Nibelungen, Saussure afirma que há um desdobramento histórico do personagem Sigismond, sendo que em uma versão da lenda ele é considerado como assassino e pai de Sigéric, mas Saussure, em suas análises, pensa que Sigismond, na verdade, não matou seu filho, mas sim houve um fratricídio. Nas páginas seguintes, segue-se uma análise da lenda, na qual o linguista continua sua busca por semelhanças e diferenças nas versões dos Nibelungen no que se refere à morte de Sigfried (Sigéric).

Como é possível entrever nos excertos citados, o símbolo lendário só adquire valor a partir do momento em que estabelece relações com outros símbolos no sistema. Em uma versão da lenda, o pai é o assassino do próprio filho, enquanto em outra versão, quem mata Sigfried é seu irmão. Nesse sentido, e considerando que o objetivo inicial de Saussure era investigar a relação entre a História e as lendas, é pertinente nos fazer duas perguntas: 1) De que maneira o nome próprio é concebido

12. Dédoublment du personnage historique de Sigismond ~~dans la légende~~
Assassin de Sigéric, et père, il était difficile que Sigismond passât ~~dans~~ <tel quel dans> la légende ~~sous les traits d'un seul et unique personnage en cette double qualité~~ <D'autant plus difficile que Sigismond fut un assassin repentant, et qu'avant toute formation <possible> de la légende il avait expiré ~~en outre~~ en peu de moins ... par une mort terrible sanctifié par l'Eglise> [La gît la raison fondamentale de la <future> substitution de Gunther pour toutes les ~~fonctions~~ <circonstances> où ~~Gunther~~ À remarquer la repentance et la pénitence de Sigismond qui devaient rendre d'autant plus impossible de représenter le drame comme un parricide. Adopter pour meurtre de Sigfried le terme fratricide qui simplifie beaucoup de choses [

nesses estudos e 2) É realmente possível pensar a relação entre fatos históricos e a narrativa lendária?

O nome próprio e sua relação com o referente nas Lendas Germânicas¹³

Por qual motivo é importante nos perguntarmos sobre os nomes próprios nas lendas germânicas? Há, pelo menos, dois motivos que justificam essa pergunta: o primeiro deles diz respeito ao fato de que, se um pesquisador procura relação entre a História e uma narrativa, obrigatoriamente ele deve passar pela questão nome próprio, porque ele é o primeiro a ser colocado em comparação quando pensamos em um personagem histórico e um personagem lendário. Em segundo lugar, temos que, no CLG, Saussure critica repetidas vezes as concepções que consideram a língua como uma nomenclatura – ou seja, os nomes próprios como constituintes do âmago da linguagem – e cita somente uma vez essa categoria:

As únicas formas sobre as quais a analogia não tem poder nenhum são naturalmente as palavras isoladas, tais como os nomes próprios, especialmente os nomes de lugares (cf. Paris, Genève, Agen, etc.), que não permitem nenhuma análise e, por conseguinte, nenhuma interpretação de seus elementos; nenhuma criação concorrente surgiu a par deles. (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 231).

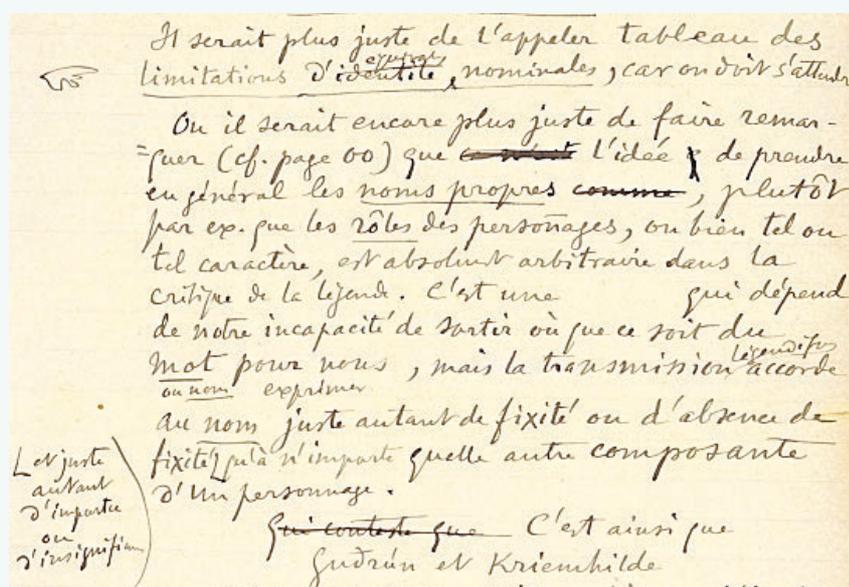
Os nomes próprios são, portanto, distintos dos demais signos linguísticos e não se submetem à analogia. Considerando que o fenômeno analógico ocorre na mobilização dos eixos associativos e sintagmáticos, é consciente e gramatical, o que impediria um nome próprio de ser formado por analogia e fazer parte da criação de novas palavras na língua? Essa questão é complexa e necessita aqui de um espaço que não possuímos nesse artigo. O que deve ser levado em consideração é que os nomes próprios são considerados como palavras isoladas e

13. Para uma análise mais detalhada sobre os nomes próprios na teoria saussuriana, permitimo-nos indicar HENRIQUES, S. M. **O nome próprio nas elaborações de Ferdinand de Saussure**. 2014. 91 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

essa afirmação é significativa na medida em que o sistema linguístico fundamenta-se nas relações de seus termos.

Nesse sentido, iremos até a página 66 do manuscrito Ms. Fr. 3958-4, na qual Saussure afirma, após fazer uma tabela de nomes próprios históricos e lendários, que:

Figura 5 – Ms. fr. 3958/4, f.66.



Fonte: Bibliothèque de Genève.

-> Seria mais justo chamar de tabela das limitações de equivalências nominais, pois se deve esperar [

Ou, seria então mais justo ressaltar (cf. página 00) que a ideia de tomar em geral os nomes próprios, de preferência, por exemplo, os papéis dos personagens, ou tal ou tal caractere, é absolutamente arbitrário na crítica da lenda. É uma [] que depende de nossa incapacidade de sair onde que seja da palavra <ou nome> para nos <expressir>, mas a transmissão <legendária> concede ao nome tanta fixidez ou ausência de fixidez <tanta importância ou insignificância> que não importa qual outro componente de um personagem. (tradução nossa).¹⁴

14. -> Il serait plus juste de l'appeler tableau des limitations d'«équivalences» nominales, car on doit s'attendre [

A diferença entre o tratamento destinado ao nome próprio no CLG e nas lendas germânicas é evidente: de palavra isolada no primeiro, ele se torna uma palavra relacional, sem nada que a diferencie dos demais símbolos da lenda. Não obstante, Saussure parece colocar em questão o método utilizado por outros estudiosos da mitografia, tendo em vista que não se consegue chegar ao fato/referente histórico por meio de nomes próprios – eles não oferecem uma fixidez referencial. Essa concepção de nome próprio como palavra relacional também está presente em outros manuscritos sobre as lendas germânicas¹⁵:

3. Importância subordinada dos nomes próprios. Desenvolvimento de 3:
- Caso de transposição do nome do pai ou avô ao filho, ou de redução de dois personagens a um, ou de redução parcial de []
 - Caso de desdobramento de um personagem.
 - Caso de desfiguração e de etimologia.
 - Uso germânico de compostos.

Aqui nota sobre os elementos constitutivos de um ser lendário. O nome não tem nem mais nem menos importância que qualquer outro lado. Ele não é como com um indivíduo vivo uma etiqueta sob a pessoa, mas está no mesmo patamar que as outras coisas, e desse ponto de vista muito importante; somente isso que compensa, é que enquanto as outras características do indivíduo são inseparáveis dele, e permanecem como a base firme de sua identidade mesmo se ele muda de nome, toda característica do ser lendário pode se dissipar ao primeiro sopro com tanta facilidade quanto o nome. (LEG: 141-142, tradução nossa)¹⁶

Ou il serait encore plus juste de faire remarquer (cf. page 00) que l'idée de prendre en général les noms propres, plutôt par exemple que les rôles des personnages, ou bien tel ou tel caractère, est absolument arbitraire dans la critique de la légende. C'est une [] qui dépende de notre incapacité de sortir où que ce soit du mot <ou nom> pour nous <exprimer>, mais la transmission <legendifère> accorde au nom juste autant de fixité ou d'absence de fixité <et juste autant d'importance ou d'insignifiance> qu'a n'importe quelle autre composant d'un personnage

15. Grande parte dos manuscritos das lendas germânicas foi transcrita por Anna Marinetti e Marcelo Meli e pode ser encontrada em: SAUSSURE, F. de. **Le legende germaniche**. Scritti scelti e annotati a cura di Anna Marinetti e Marcello Meli, Zielo, Este, 1986, obra que será citada aqui como LEG.

16. 3.Importance subordonné des noms propres. Développement de 3 :

- Cas de transport du nom du père ou grand-père au fils, ou de réduction de deux personnages à un, ou de réduction partielle de [] ;
- Cas de dédoublement d'un personnage ;
- Cas de défiguration et d'étimologie ;
- Usage germanique des composés.

Ici note sur les éléments constitutifs d'un être légendaire. Le nom n'a ni plus ni moins

Assim, os nomes estariam submetidos a quatro processos de transformação: transposição, desdobramento, desfiguração por etimologia e uso germânico de compostos. Esses processos corroboram a afirmação de que o nome próprio não oferece resistência à mudança quando submetido ao funcionamento da lenda. Ademais, Saussure diferencia o nome próprio nas lendas do nome próprio de um indivíduo, ao afirmar que: “ele não é como com um indivíduo vivo uma etiqueta sob a pessoa, mas está no mesmo patamar que as outras coisas”. O nome próprio na lenda seria negativo e diferencial da mesma maneira que os outros símbolos, entretanto, será que nessa figura é possível entrever a concepção de nome próprio na linguística, a qual não foi muito desenvolvida no CLG? Vejamos o trecho que se segue: “é que enquanto as outras características do indivíduo são inseparáveis dele, e permanecem como a base firme da identidade, mesmo se ele muda de nome [...]”. Ora, Saussure estaria pressupondo, então, que os nomes próprios – em sua acepção comum – são uma etiqueta sobre as pessoas? Não queremos nos comprometer com uma perspectiva específica, mas somos levados a acreditar que quando Saussure fala de nome próprio como “etiqueta” e das características de um indivíduo, ele se refere, na verdade a algo que estaria no âmbito da fala e não no âmbito da língua ou da lenda. Sobre isso, Turpin (2003) afirma que:

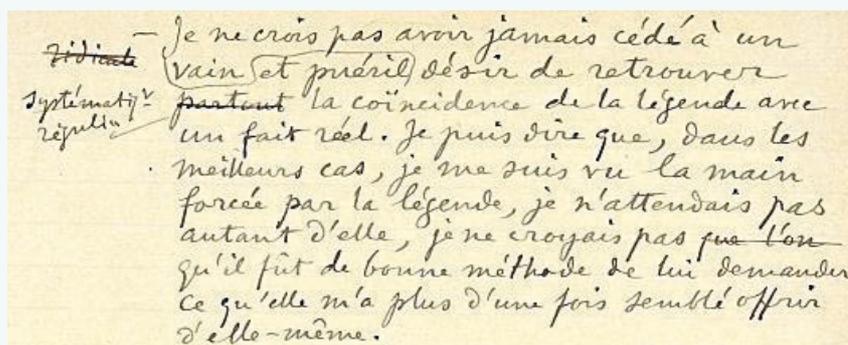
Embora em seu estudo sobre os topônimos, Saussure, com resultados pertinentes, tentava relacionar as denominações de lugares aos fatos históricos a partir do estudo dos nomes próprios e de sua evolução, comparando os índices da história aos índices linguísticos, nos estudos de lendas, ele foi confrontado com uma maior complexidade, sem dúvida porque ele viu aqui um grupo especial de nomes de lugares (...). (TURPIN, 2003: 308, tradução nossa).¹⁷

d'importance que tout autre côté. Il n'est pas comme chez un individu vivant une étiquette sur la personne, mais au même rang que les autres choses, et à ce point de vue plus important ; seulement ce qui compense, c'est que tandis que les autres caractères de l'individu sont inséparables de lui, et restent la base ferme de son identité même s'il change de nom, tout trait de l'être légendaire peut se dissiper au premier souffle avec autant de facilité que le nom

17. Alors que dans ses études sur les toponymes, Saussure, avec pertinence et résultats, avait tenté de rattacher des dénominations de lieux à des faits historiques à partir de l'étude des noms propres et de leur évolution, confrontant les indices de l'histoire à des indices linguistiques, dans les études sur les légendes, il se trouvait confronté à davantage de complexité, sans doute parce qu'il n'a plus à faire ici au groupe particulière des noms de lieux (...).

Assim, a relação entre as palavras e as coisas ou ainda, a propriedade de fixidez dos nomes próprios não encontra correspondente na lenda: “Esse modelo de referenciação não tem prolongamento na lenda. E isso porque o linguista encontra o insondável da língua – e a mesma vertigem diante da pluralidade das associações possíveis.” (TURPIN, 2003, p. 309)¹⁸. Mesmo que o objetivo inicial de Saussure fosse comparar as diferentes versões das lendas com o intuito de verificar as suas relações com dados históricos, ele se deparou com uma complexidade que não era esperada: apesar de as lendas possuírem uma origem histórica, elas são contadas e recontadas durante séculos e, dessa maneira, sofrem transformações que afetam, até mesmo, os nomes dos personagens. Aqui, é conveniente retomarmos mais um trecho do manuscrito Ms. Fr. 3958-4:

Figura 6 – Ms. fr. 3958/4, f.66.



Fonte: Bibliothèque de Genève.

- Eu não acredito jamais ter cedido a um pueril ~~ridicule~~ e vão desejo de encontrar ~~em toda parte~~ ~~sistematicamente~~ a coincidência da lenda com um fato real. Eu posso dizer que, no melhor dos casos, eu me vi forçado pela lenda, eu não esperava tanto dela, não acreditava ~~que se~~ que fosse um bom método lhe perguntar o que ela mais de uma vez me pareceu oferecer ela mesma. (tradução nossa).¹⁹

18. “Ce modèle de référenciation n’a plus cours dans la légende. C’est pourquoi le linguiste y retrouve l’insondable de la langue – et le même vertige devant la pluralité des associations possibles.”

19. - Je ne crois pas avoir jamais cédé à un vain et puéril ~~ridicule~~ désir de retrouver ~~partout~~ ~~systématiquement~~ ~~régulièrement~~ la coïncidence de la légende avec un fait

O que Saussure parece afirmar aqui é que, apesar de sua motivação ter sido a correspondência entre fatos históricos e a narrativa lendária, o que lhe interessou de fato, a partir do momento em que se viu tocado pela complexidade desse sistema, foi aquilo que a lenda poderia lhe oferecer ela mesma, ou seja, o seu funcionamento.

Nesse sentido, podemos afirmar que os nomes próprios possuíram um papel de destaque nessa descoberta. E isso porque se uma das maneiras de se chegar a essa correspondência entre história e lenda é por intermédio dos nomes próprios e, após uma análise detalhada, Saussure chega à conclusão de que essa categoria linguística não oferece em si mesma nenhuma fixidez, logo os caminhos para se chegar à história por meio da lenda parecem ser inférteis.

Considerações finais

Nesse artigo, tivemos o objetivo de investigar dois pontos principais do estudo saussuriano sobre as lendas germânicas: a natureza do símbolo lendário e o conceito de nomes próprios. Vimos que a análise desenvolvida por Saussure sobre as lendas é pertinente na medida em que consideramos o seu projeto de uma ciência geral dos signos, a Semiologia. Não obstante, percebemos também de que maneira os sistemas linguístico e lendário se cruzam em seus funcionamentos: eles estão submetidos às mesmas leis e vicissitudes.

Ademais, a relevância da pesquisa lendária saussuriana também se mostrou ao percebermos que ela pode contribuir para o entendimento de aspectos que não ficaram muito claros na Linguística Saussuriana, como o caso dos nomes próprios. Se, no CLG, essa categoria linguística não ocupa um lugar de destaque, visto que é mencionado apenas uma vez ao longo do livro, nas lendas germânicas ela possui um papel fundamental, porque evidencia as relações negativas e diferenciais do sistema, coloca em questão a relação entre história/lenda e, consequentemente, a própria noção de identidade.

réel. Je puis dire que, dans les meilleurs cas, je me suis vu la main forcée par la légende, je n'attendais pas autant d'elle, je ne croyais pas que l'on qu'il fût de bonne méthode de lui demander ce qu'elle m'a plus d'une fois semblé offrir d'elle-même.

Dessa forma, parece-nos pertinente reafirmar o que foi dito em nossa introdução: o estudo saussuriano sobre as lendas germânicas não só é relevante para a Semiologia, como também contribui para os estudos linguísticos e, nesse sentido, não deve ser considerado como algo à parte das formulações saussurianas. Do nosso ponto de vista, não é possível conceber a pesquisa sobre as lendas como dissociada da linguística saussuriana, tendo em vista que ambas versam sobre o funcionamento de sistemas semiológicos.

Recebido em: 28/12/2016

Aprovado em: 17/05/2017

E-mail: temontess@gmail.com

Referências

- ARRIVÉ, M. 2010. *Em busca da Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Parábola. 253 p.
- AVALLE, D'Arco S. 1973. La sémiologie de la narrativité chez Saussure. In: BOUAZIS, Charles; AVALLE, D'Arco S. 1973. *Essais de la théorie du texte*. Paris: Galilée. p. 17-49.
- ENGLER, R. 1962. Théorie et critique d'un principe saussurien: l'arbitraire du signe. *Cahiers Ferdinand de Saussure. Revue suisse de linguistique générale*, n.19. Genève: LibrairieDroz S.A. p. 5-66.
- HENRIQUES, S. M. 2014. *O nome próprio nas elaborações de Ferdinand de Saussure*. 91 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.
- KIM, S. 1995. La mythologie saussurienne, une ouverture sémiologique. In: Saussure Aujourd'hui, 1, 1995, Nanterre. *Actes du Colloque de Cerisy la Salle*. Nanterre: Paris X. p. 293-300.
- PEREIRA DE CASTRO, M. F. 2013. Pequeno ensaio sobre o tempo na teorização saussuriana. In: FIORIN, J. L.; FLORES, V. do N.; BARBISAN, L. B. (Orgs.). *Saussure: a invenção da linguística*. São Paulo: Contexto. p. 87-98.
- PROSDOCIMI, A. 1983. Sul Saussure dele legende germaniche. In: *Cahiers Ferdinand de Saussure. Revue suisse de linguistique générale*. Genève: Librairie Droz S.A, n. 37. p. 35-106. Publicado por Cercle Ferdinand de Saussure.

- SAUSSURE, F. de. 2012. *Curso de Linguística Geral*. [1916] Editado por Charles Bally & Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução A. Chelini, J. P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix.
- _____. 2004. *Escritos de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix. 296 p.
- _____. 1986. *Le Légende Germaniche*. Scritti scelti e annotati a cura di Anna Marinetti e Marcello Meli, Zielo, Este.
- _____. *Ms.Fr. 3958/4*. Bibliothèque de Genève.
- SILVEIRA, E. 2014. O intervalo teórico de Saussure em fins do século XIX. *Revista Matraca*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 34, p. 25-36.
- STAROBINSKI, J. 1974. *As palavras sob as palavras*. São Paulo: Perspectiva. 117 p.
- TURPIN, B. 2003. Légendes – Mythes – Histoire: La circulation des signes. In: *Cahiers de L’Herne: Saussure*. p. 307-429.
- _____. 1995. Discours, langue et parole : une réflexion sur les anagrammes et les études sur les légendes. In: *Saussure Aujourd’hui*, 1, 1995, Nanterre. *Actes du Colloque de Cerisy la Salle*. Nanterre: Paris X. p. 301-312.
- ZILBERBERG, C. 1997. Une continuité incertaine: Saussure, Hjelmslev, Greimas. In: ZINNA, A. (éd.). *Hjelmslev aujourd’hui*. Turnhout, Brépols. p. 165-192.